

**Os próximos passos... aperfeiçoar a prospecção
arqueológica e abrir a caixa do passado**
The next steps... improving archaeological
surveys and unveiling the past

Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O artigo trata das características do patrimônio arqueológico brasileiro e põe em foco a sua monumentalidade, grandiosidade, magnificência, além de seu aspecto extraordinário, com vistas a auxiliar na sua preservação. Discute, ainda, a pertinência de se estabelecer uma agenda especialmente voltada para os sítios de baixa visibilidade arqueológica, para que a disciplina construa interpretações que contemplem a diversidade de assentamentos e testemunhos de diferentes segmentos sociais.

Palavras-chave: Quilombola. Sítio arqueológico. Patrimônio arqueológico. Monumentalidade. Baía da Guanabara. Rio de Janeiro.

Abstract: The article deals with characteristics of Brazilian archaeological heritage and focus on its monumentality, greatness, and magnificence, besides its extraordinary aspect, in consideration of its preservation. The paper also discusses the pertinence of the development of a specific agenda dealing with low archaeological visibility sites, so that the discipline can build interpretations that contemplate the settlement diversity of different social segments.

Keywords: Quilombola. Archaeological site. Archaeological heritage. Monumentality. Guanabara Bay. Rio de Janeiro.

Como citar este artigo: GASPAR, Maria Dulce. Os próximos passos... aperfeiçoar a prospecção arqueológica e abrir a caixa do passado. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 41-55, jan.-abr. 2011.

Autor para correspondência: Maria Dulce Gaspar de Oliveira. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/n – São Cristóvão. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 20940-040 (madugaspar@terra.com.br).

Recebido em 04/10/2010

Aprovado em 24/02/2011



INTRODUÇÃO

Apresentei minhas reflexões sobre o patrimônio arqueológico brasileiro no II Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia, realizado no Museu de Astronomia e Ciências Afins, em 2009, quando propus que pensássemos sobre dois artefatos amplamente conhecidos da Arqueologia brasileira – sambaquis e cachimbos –, que sistematizo e reproduzo aqui, com vistas a desenvolver meu argumento referente à preservação do patrimônio arqueológico brasileiro (Gaspar, 2009).

Por um lado, discuto algumas das características do patrimônio arqueológico brasileiro, pondo em foco o aspecto monumental de alguns testemunhos pré-coloniais. Por outro, proponho a construção de uma agenda voltada especialmente para a localização de sítios com baixa visibilidade arqueológica, para que a Arqueologia possa construir interpretações que contemplem a diversidade de assentamentos e testemunhos de diferentes segmentos sociais.

Considero que sambaquis e cachimbos são dois artefatos bons para refletir, pois ajudam a pensar sobre arqueologia, cultura material e patrimônio. Sambaqui foi percebido, durante um longo período da Arqueologia brasileira, apenas como algo que continha elementos que interessavam à pesquisa. Só recentemente, foi tomado, ele mesmo, como um artefato e, dessa forma, como os demais produtos culturais, como algo construído segundo regras pertinentes a uma determinada sociedade, no caso a sambaquieira, para cumprir um conjunto de funções, entre elas a de ser um marco na paisagem, repleto de informações e emoções para os que o construíram, observaram e ainda observam (Figura 1). Cachimbos feitos de barro são excelentes exemplos de exploração da plasticidade da argila, sendo moldados ou modelados. Uma vez asseguradas as exigências técnicas para combustão, há espaço para ampla ornamentação (Figura 2). Esculturas em barro com elementos decorativos e marcas significativas para seus fabricantes e/ou usuários, os cachimbos informam

sobre a presença de africanos e seus descendentes transplantados para o Brasil durante o regime escravocrata.

Sambaquis e cachimbos são artefatos referidos a contextos culturais, cuja complexidade que os cerca só é possível captar a partir do estudo da cultura material. Não há informações orais ou escritas sobre os construtores de sambaquis, já que o projeto de construção dos *mounds* no litoral brasileiro entrou em colapso antes da invasão dos europeus, que escreveram inúmeros relatos sobre os seus próprios costumes e dos grupos com os quais entraram em contato¹. Já em relação aos africanos e seus descendentes, os relatos existentes sobre hábitos e costumes no Brasil foram escritos pelo 'outro', pelo grupo dominante, pelos donos da história, que registraram as suas próprias versões dos acontecimentos. Nos dois casos, o estudo da cultura material pode desvendar informações importantes sobre o modo de vida dos sambaquieiros e africanos, e de seus descendentes. Portanto, cabe esclarecer as especificidades da cultura material para que se possa dar continuidade às nossas reflexões.

PREMISSAS TEÓRICAS

Cultura, segundo proposição de Clifford Geertz (1978), é um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções – que governam o comportamento. Dessa forma, a cultura é um contexto e é por meio do fluxo do comportamento – da ação social – que as formas culturais encontram articulação. Esta articulação se dá também por meio de várias espécies de artefatos.

A Arqueologia é a ciência que estuda as culturas a partir do seu aspecto material, construindo suas interpretações por intermédio da análise dos artefatos, de seus arranjos espaciais e da sua implantação na paisagem. Cultura material é aqui entendida da maneira proposta por Ulpiano Bezerra de Meneses (1983), como o segmento do meio físico que é socialmente apropriado. Apropriação esta que não é aleatória, casual ou individual, mas que segue padrões sociais. Assim, o conceito pode abranger artefatos,

¹ As referências de Frei Gaspar da Madre de Deus (1953) e Anchieta (1964) são exceções e pouco contribuem para o entendimento do modo de vida dos sambaquieiros.



Figura 1. Sambaqui Fazenda Caieira, Recôncavo da baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Foto: Sílvia Peixoto.



Figura 2. Cachimbo antropomorfo recuperado nas escavações do sítio Morro do Sol, em Itaboraí, Rio de Janeiro. Foto: Beto Barcellos.

modificações da paisagem e o próprio corpo, na medida em que ele é passível de manipulação.

A cultura material é o suporte físico e concreto da produção e reprodução da vida social. Nesse sentido, os artefatos são considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores das relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente construídas de organização dos homens em sociedade. De outro lado, canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais (Meneses, 1983).

Ian Hodder (1982), em trabalho seminal para a Arqueologia moderna, propõe a concepção de cultura material como um sistema de representação. Assim, pode-se considerar que a Arqueologia é o estudo da cultura material como manifestação de práticas simbólicas significativas, constituídas e situadas em relação ao social. Ainda segundo Hodder (1999), a cultura material é uma construção e um meio de comunicação envolvida em prática social. Pode ser utilizada para transformar, estocar ou preservar informação social. Também é meio simbólico da prática social, atuando dialeticamente em relação à prática. Ela pode ser considerada como um tipo de texto, uma forma silenciosa de escrita e discurso; quase, literalmente, um canal de expressão reificado e objetificado.

A diversidade da vida social, associada à especificidade dos objetos materiais, cria potencial para transformar, por meio da prática, as convenções sociais. A dinâmica social opera tanto para a manutenção como para a transformação da cultura.

Como o significado dos objetos se dá na relação dialética entre estrutura e prática, estes têm múltiplos significados locais. Dessa forma, e apoiando-me nas ideias de Franchetto e Leite (2004, p. 13) sobre a linguagem, se por um lado “nunca se diz a mesma coisa do mesmo modo”, por outro “uma mesma coisa pode ter distintos

significados”. A cultura material é polissêmica, e leituras múltiplas convivem no mesmo espaço e tempo.

ESTUDO DE CASO

Tomando essas premissas, volto-me para apresentar um estudo de caso, com vistas a ilustrar meu argumento. O Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ), sob minha coordenação científica, adotou como estratégia de pesquisa a investigação detalhada, que associou reconhecimento da área, análise de imagens de satélite, caminhamento, tradagens, abertura de sondagens, escavação de amplas áreas e investigação dos contornos dos sítios com amplas trincheiras, abertas com retro-escavadeira². Como resultados, foram identificados 45 sítios arqueológicos na área compreendida entre os rios Caceribu e Macacu, no município de Itaboraí, estado do Rio de Janeiro. Foram identificados sambaquis, aldeias Tupi e sítios arqueológicos associados às primeiras levas de ocupação europeia, inclusive componentes que informam sobre a presença de africanos (Tabela 1).

Cabe destacar que, no caso de um dos mais importantes sítios arqueológicos localizados nessa área de pesquisa, Macacu IV, o indicador que chamou primeiramente a atenção da equipe de pesquisa foi uma estrutura construída nos moldes europeus. Somente durante os trabalhos de delimitação do referido sítio,

Tabela 1. Sítios arqueológicos identificados em prospecção arqueológica e sua filiação cultural.

Tipo de sítio	Filiação cultural	Quantidade
Sambaqui	Pescadores-coletores	7
Cerâmico	Tupi	2
Colonial	Componente europeu	34
	Componente africano	2

² Está em fase de conclusão a publicação que apresenta, em detalhe, toda a metodologia de pesquisa aplicada no estudo do recôncavo da baía de Guanabara.

quando estava sendo investigado o entorno da pequena ruína, é que se constatou a presença de componente africano. Trata-se de uma área do sítio arqueológico que continha importantes informações sobre a ocupação africana no recôncavo da baía de Guanabara³. Os traços característicos são a presença de sedimento escuro, a quantidade e decoração de cachimbos e alguns poucos vasilhames, com decoração que pode ser associada a padrões semelhantes aos encontrados em artefatos africanos. São poucos os indicadores de ocupação africana, mas é preciso lembrar que se trata de um assentamento de segmento social pouco privilegiado no contexto do Brasil escravocrata e que, por isso mesmo, não contava com abundante e sofisticada cultura material. Objetos de metal, louças e material construtivo eram bens escassos, até mesmo para segmentos sociais mais favorecidos. Supõe-se que africanos e seus descendentes moravam em taperas, as quais são construções leves, caracterizadas por armações de madeira com coberturas de folhas e, por essa razão, degradáveis ao longo do tempo, tendo, portanto, baixa visibilidade arqueológica. Apóio-me no instigante trabalho de Slenes (1999), que, ao tratar das esperanças e recordações da família, desenha traços característicos da moradia de africanos.

Embora a equipe de arqueólogos esperasse encontrar evidências da presença de africanos ou de seus descendentes durante os trabalhos de prospecção, esses foram concluídos sem que tal expectativa se realizasse. Por essa razão, não se pode considerar a quantidade de sítios arqueológicos (ou de componentes de sítios) como representativa da ocupação africana no recôncavo da baía de Guanabara (ver Tabela 1). Destaco que neste trabalho de campo estavam associados conhecimento prévio, no que diz respeito à presença africana, e uma estratégia

de investigação minuciosa, traçada com vistas a localizar vestígios fugazes. Mesmo assim, não foi grande o número de sítios. O resultado final não se aproxima da figura da “Hidra e os Pântanos”, que ocupou a região do Iguazu e que assombrava as autoridades à época (Gomes, 2005).

Ressalto, ainda, que outras pesquisas em andamento na região, e que se pautam por estratégias de campo distintas, não identificaram assentamentos de africanos (por exemplo, Dias, 2003). É preciso considerar que tais assentamentos eram discretos e que muitos foram atingidos pelas alterações do terreno relacionadas com a ocupação moderna do entorno da baía de Guanabara. Obras de drenagem, construção de estradas e de habitações caracterizam a paisagem atual. Suponho que parte significativa desse patrimônio foi destruída e aí reside a principal explicação para o pequeno número de sítios que podem ser associados aos africanos. Compartilho também da ideia proposta por Symanski e Souza (2007), de que a questão da visibilidade dos grupos escravos no registro arqueológico vincula-se à habilidade dos pesquisadores em diagnosticar as evidências a eles ligadas.

Como se trata de um tipo de sítio arqueológico discreto, é imprescindível que atores sociais responsáveis pela preservação do patrimônio arqueológico voltem suas atenções para o que existe e ainda está encoberto por sedimentos⁴. É preciso adotar estratégias mais refinadas de pesquisa arqueológica, que tenham como meta a investigação do subsolo em pequenos intervalos de não mais de 50 m e que priorizem o estudo de espaços adequados ao assentamento de grupos que precisavam se esconder e se proteger dos senhores de escravos. Atualmente, muitos estudos são adequados apenas à localização de sítios arqueológicos com alta visibilidade, tais como os sambaquis e as aldeias de ceramistas. Considero

³ Conforme Gaspar, Maria Dulce. Cultura material, cotidiano e possibilidades arqueológicas nas fronteiras da *plantation*: sítio Macacu 4 no Recôncavo da Guanabara. Apresentação de comunicação na Mesa 7: Agências e Culturas (i)Materiais II, do Seminário “Repensando a *Plantation*: paisagens simbólicas, sociais e materiais”, realizado no Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2009.

⁴ Uso o termo ‘ator social’ para ressaltar que a responsabilidade não está restrita apenas às autoridades e aos arqueólogos, mas também aos segmentos sociais que estudam e transmitem conhecimento sobre o passado e às categorias profissionais que lidam com o solo brasileiro.

que, se não forem adotadas estratégias específicas, muitas dessas 'taperas', e mesmo outros tipos de assentamentos relacionados com os africanos e seus descendentes, não terão existência, não virão à luz. Dessa forma, não conheceremos, em toda a sua complexidade, os diferentes arranjos sociais adotados por nativos, europeus, africanos e descendentes nas fímbrias da Corte.

Falo de sítios arqueológicos de baixa visibilidade e, refletindo sobre esta característica de alguns assentamentos, volto aos sambaquis e vou para o litoral sul de Santa Catarina, onde os estudos sobre a ocupação dos pescadores-coletores estão bem avançados no momento⁵. Se os monumentais sambaquis são cemitérios, onde viviam os sambaquieiros?⁶ Os grandes sambaquis funcionaram, até então, como um forte ímã. Atraíram, quase exclusivamente, a atenção dos estudiosos desde o início da pesquisa arqueológica no Brasil até o final do século passado. Pesquisas recentes começam a investigar outros pequenos *mounds*, alguns com apenas 20 cm de espessura de camada arqueológica, imersos em um mar de dunas. Investiga-se também, e ainda de maneira tímida, o espaço contido por essas pequenas estruturas, que apresentam, surpreendentemente, indícios de atividades cotidianas (Peixoto, 2008; Assunção, 2010). São sítios arqueológicos de baixa visibilidade, e se não forem adotadas estratégias adequadas, que façam investigação minuciosa do subsolo, também não virão à tona e serão tragados pelo uso do solo característico da modernidade, tempo que máquinas potentes aram, semeiam, colhem, mudam o curso de rios, criam reservatórios para piscicultura e transformam totalmente a paisagem.

Apóio-me em Ulpiano Bezerra de Meneses (2007), e parto da premissa de que o patrimônio, para existir, precisa ser conhecido, quer seja ele material ou imaterial. No que se refere ao patrimônio arqueológico, é a pesquisa arqueológica que o revela⁷. A impressionante quantidade de africanos que desembarcaram na baía de Guanabara e a certeza de que muitos fugiram, e de que outros tantos estabeleceram assentamentos relativamente independentes, até mesmo para executar tarefas estabelecidas por aqueles que se consideravam seus senhores, levam à expectativa da existência de um razoável número de sítios arqueológicos decorrentes de assentamentos vinculados a grupos procedentes da África, além das conhecidas senzalas. Cortar madeira, preparar terras para agricultura, cuidar do transporte aquático, entre outras, eram atividades⁸ que, em alguns casos, podiam implicar construção de moradias ou abrigos longe da sede e que, nesses espaços, tradições originárias do continente africano poderiam ser recriadas até mesmo com um pouco mais de liberdade do que no espaço urbano ou no interior de senzalas.

No final do século XIX, diferentes arranjos bordaram a trama social, envolvendo grupos com filiação cultural distinta. Paralelamente ao estudo dos documentos – minuciosas escavações em arquivos levadas a termo por historiadores⁹ –, desenha-se uma importante agenda para a pesquisa arqueológica: trazer à luz especificidades dos diferentes arranjos sociais, envolvendo distintos segmentos da sociedade escravocrata no Brasil. Trata-se de investigar o cotidiano, os aspectos estruturais e rotineiros, e, dessa maneira, construir uma descrição densa, nos moldes

⁵ Dois importantes projetos de pesquisa produziram e estão produzindo informações inovadoras sobre o modo de vida dos sambaquieiros de Santa Catarina: o projeto "Sambaquis e Paisagem", coordenado por Paulo DeBlasis e Paulo César Giannini, do qual sou pesquisadora, apoiado pela Universidade de São Paulo, em associação com o Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade do Sul de Santa Catarina e a Universidade do Arizona; e o Projeto "Construindo o sambaqui: a ocupação e os processos de construção de sítio na Bacia do Canal do Palmital, Santa Catarina", coordenado por Levy Figuti, da Universidade de São Paulo.

⁶ Para uma discussão sobre a função dos sambaquis monumentais de Santa Catarina, ver Gaspar (1998), Fish *et al.* (2000) e DeBlasis *et al.* (2007).

⁷ Rosana Najjar, em texto sobre a defesa do patrimônio arqueológico brasileiro, destaca a responsabilidade do arqueólogo e a produção de conhecimento a partir da pesquisa arqueológica como uma das fontes para a construção da identidade cultural brasileira (Hetzl *et al.*, 2007).

⁸ Warren Dean (1996), ao traçar a história da devastação da Mata Atlântica, apresenta também uma série de atividades que constituíam a trama social em diferentes períodos.

⁹ Um excelente exemplo é o trabalho de Maurício de Almeida Abreu (2006) sobre os engenhos da capitania do Rio de Janeiro nos séculos XVI e XVII.

propostos por Geertz (1978), sobre a ocupação do recôncavo da baía de Guanabara.

Caso esta agenda não seja implementada pela Arqueologia, corre-se o risco de se instaurar o vazio, a ausência de assentamentos como os mencionados acima. Como disse, o patrimônio arqueológico precisa ser conhecido e de uma maneira específica, a fim de que este conhecimento crie a noção de importância daquele espaço para o nosso passado, presente e futuro. O cadastro de sítios arqueológicos mantido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é um espaço de (re)conhecimento¹⁰ de sítios arqueológicos. Trata-se de espaço privilegiado, não único, mas o que tem respaldo legal. Além da tradição, que consolida e se institui a partir de hábitos e costumes, a ciência também gera conhecimento e reconhecimento. Não quero tratar da hierarquia entre os domínios da legalidade, tradição e ciência, mesmo porque entendo que a preservação do patrimônio arqueológico brasileiro passa pela articulação desses elementos.

ARQUEOLOGIA, CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO

Considero que as noções de Arqueologia, cultura material e patrimônio estão profundamente associadas, sendo que a redefinição de cada uma delas causa desdobramentos no entendimento das outras. A Arqueologia ampliou suas fronteiras quando incorporou definitivamente o estudo do período histórico e, até mesmo, do contemporâneo (Gaspar, 2003). Cultura material, que era muitas vezes tomada apenas como sinônimo de artefatos, refere-se a um universo muito mais amplo, como o próprio corpo humano, no sentido de que ele também é moldado por cada cultura, os arranjos espaciais e a própria paisagem apropriada por um determinado segmento social, aqui

incluída a representação simbólica da mesma. Refere-se também aos sítios arqueológicos discretos, mas que são parte importante de sistemas de assentamento. E, mais ainda, sem a sua identificação, determinadas organizações sequer fazem sentido¹¹. Patrimônio, por sua vez, toma sua totalidade ao incorporar a noção de patrimônio imaterial e, dessa maneira, abarca os elementos do mundo social que congregam informações e/ou emoções que caracterizam cada sociedade.

Por outro lado, investigo a relação entre ciência e preservação do patrimônio, e trato especificamente da Arqueologia, apoiando-me na ideia de que é esta disciplina que traz à tona esse mesmo patrimônio. Construo minha reflexão investigando a noção de monumentalidade, inúmeras vezes mencionada no início da disciplina no Brasil e tomada pelo senso comum.

Os estudiosos do passado pré-colonial do Brasil, desde o início da formação da disciplina, dão mostras de ressentimento no que tange à ausência de monumentalidade dos testemunhos arqueológicos. Este ressentimento se manifesta quando João Batista de Lacerda, em texto seminal da Arqueologia brasileira, atribui a confecção de escultura recuperada em sambaqui brasileiro a grupos do altiplano, sugerindo, dessa maneira, que ocupantes da costa brasileira não seriam capazes de produzir objetos com tal sofisticação (Lacerda, 1885). Também se manifesta quando Paulo Duarte usa o termo pertinente à 'mastaba' para caracterizar sambaqui que apresentava grande concentração de sepultamentos humanos (Duarte, 1968)¹². O adjetivo 'verdadeira', que precede a palavra 'mastaba', reforça ainda mais a dimensão comparativa com sociedades que erigiram edificações com pedra.

As cidades incaicas, os templos Maia e Asteca, no continente americano, e as pirâmides do Egito, que desde

¹⁰ Ressalto que um dos sinônimos da palavra 'reconhecer' é 'assegurar' (Ferreira, 1963), e é esse sentido que quero enfatizar.

¹¹ Para um bom exemplo, retomo o estudo do sistema de assentamento dos sambaquieiros de Santa Catarina. Apesar de anos de pesquisa, ainda não é possível estabelecer com clareza o local de moradia dos pescadores-coletores e, dessa forma, entender, em toda a sua complexidade, a apropriação e a construção da paisagem por esse grupo social.

¹² Nessa mesma linha de pensamento, pode-se incluir a hipótese defendida por Meggers (1976), que atribui origem andina às culturas consideradas complexas da região amazônica.

sempre exerceram grande fascínio, parecem lançar uma ampla sombra que encobre os testemunhos arqueológicos dos primeiros colonizadores do território brasileiro. Em 1825, D. Pedro I ordenou a compra de uma coleção de antiguidades egípcias, objetos que pertenceram a sacerdotes e funcionários da cidade de Tebas e que hoje formam a mais antiga e importante coleção egípcia da América do Sul. D. Pedro II foi duas vezes ao Egito e a princesa Tereza Cristina trouxe consigo uma vasta coleção procedente da Grécia e de Roma¹³. Essas atitudes denotam o interesse por 'antiguidades' e acabaram por formar um importante acervo museológico, mas, ao mesmo tempo, forneceram uma dimensão comparativa sobre a relevância dos achados arqueológicos em território brasileiro, que parecem sempre deixar a desejar. Essa 'ausência', ou 'falta', que se mantém atual e perpassa o 'fazer arqueológico', é, por isso mesmo, um tema pertinente para reflexão. Vejamos de que se trata essa monumentalidade.

Segundo o "Pequeno dicionário brasileiro da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1963), a palavra 'monumental' é relativa a monumento; grandioso; magnífico; enorme; extraordinário. Vamos por partes: comecemos pelos adjetivos e sigamos a ordem proposta pelo autor. Segundo a mesma fonte, 'grandioso' é sinônimo, entre outros, de 'pomposo', e a imagem que se apresenta logo para a reflexão é a belíssima exposição sobre a arte plumária dos índios brasileiros, organizada por Berta Ribeiro, na Bienal de São Paulo de 1983. Cabe lembrar que os nativos residentes no território do que veio a ser o Brasil, quando se deu a invasão europeia, são herdeiros de uma longa tradição aqui instalada há mais de 10 mil anos, e que, certamente, os seus antecedentes já detinham a habilidade e o conhecimento de combinar plumas e penas para a confecção de adornos (Figura 3). Esse tipo de artefato não se preserva em solo brasileiro e, portanto, não é recuperado em escavações arqueológicas,

mas as pinturas em abrigos e paredões feitos pelos caçadores – primeiros ocupantes do território brasileiro – revelam a antiguidade desse costume. É o caso das pinturas encontradas no sítio Xique-Xique, no Rio Grande do Norte (Figura 4).

'Magnífico' é sinônimo de 'muito bom' e 'excelente'. As esculturas dos sambaqueiros são magníficas, são muito boas e, por que não dizer, excelentes? Chegar a formas tão bem equilibradas por meio de escultura em pedra é resultado de um trabalho magnífico, e expressar uma ideia com poucos traços representa uma excelente capacidade de síntese. Trata-se de conhecimento apurado, expresso em poucos traços, que permite até mesmo identificar o animal representado em nível de espécie e, em alguns casos, identificar gestos característicos de um determinado animal (Figura 5)¹⁴.

'Enorme' refere-se a tamanho e faz lembrar como são grandes os templos Maia e Asteca, mas o fato é que alguns sítios brasileiros também apresentam grandes dimensões. O Sambaqui Garopaba do Sul, em Santa Catarina, é um deles, atualmente com cerca de 30 metros de espessura de pacote arqueológico, mas prospecções visando estabelecer o seu contorno, além de informações orais, indicam que originalmente pode ter tido 65 metros de altura, ou seja, corresponde a um prédio de 18 andares. Não por acaso, são definidos como monumentais (Fish *et al.*, 2000; DeBlasis *et al.*, 2007), comparáveis a 'mastabas' (Duarte, 1968), e fascinam os estudiosos da Arqueologia brasileira. No final do século passado, quando foram quantificados os títulos que haviam sido dedicados a esse tipo de sítio arqueológico, havia mais de mil referências bibliográficas, entre livros, artigos, teses e dissertações (Barbosa e Gaspar, 1998). No domínio internacional, cabe destacar que os estudos realizados em sambaquis despertam o interesse de arqueólogos dos continentes americano e europeu, onde simpósios sobre o assunto integram os programas

¹³ Para maiores informações, ver texto de Antonio Brancaglion (*apud* Hetzel *et al.*, 2007).

¹⁴ Ver Prous (1972) e Gaspar (2004).

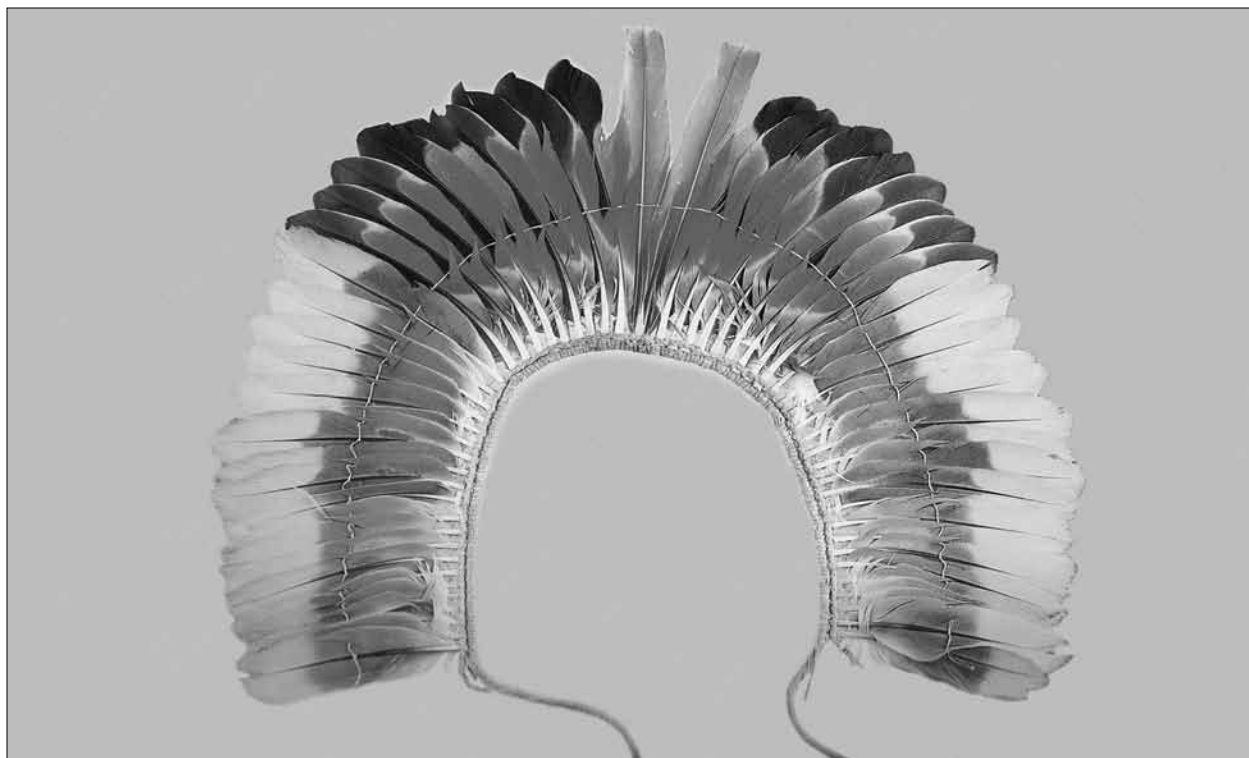


Figura 3. Diadema Kaiapó-Gorotire. Fonte: Dorta e Cury (2001).

de seminários e congressos¹⁵. Parati, Ouro Preto e Mariana são grandes cidades, tanto em dimensão como em relação à nossa história recente, mas destacar a sua importância é ir na mesma direção da corrente predominante. O fato de uma delas ter sido declarada Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) já atesta a importância de todas, inclusive das não mencionadas aqui.

Monumentalidade remete também a 'extraordinário'. As figuras de Altamira, na Espanha, são raras, excepcionais, extraordinárias. A excepcionalidade de Lascaux, na França, a torna tão conhecida, tão amplamente visitada, que foi necessário construir uma réplica para que, ao mesmo tempo, fosse saciada a curiosidade dos interessados e assegurada a

preservação das pinturas. Foram tantos visitantes que o ar exalado pela respiração dos interessados no passado estava danificando os painéis (Bahn, 1996). Não falta nada para que se considerem os testemunhos arqueológicos existentes no território brasileiro como algo monumental, afinal, eles esbanjam beleza, força, sofisticação, estética e, por que não, pujança. A Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais, as representações humanas da Serra das Caretas, do Pará, mostram a força das imagens feitas pelos caçadores (Jorge *et al.*, 2006; Pereira, 2003). O livro de Anne-Marie Pessis (2003) apresenta belas imagens dos paredões do Parque Nacional da Serra da Capivara. Também a bela ilustração da Pedra do Ingá, na Paraíba, que pode ser apreciada no livro "Antes, Histórias da Pré-História" (Pessis *et al.*, 2004),

¹⁵ São recorrentes as apresentações que abordam esse tipo de sítio nos congressos da Society for American Archaeology, que se realizam nos Estados Unidos, no Canadá e em Porto Rico. Os sambaquis foram também tema de destaque no último encontro da Union International des Sciences Préhistoriques e Protohistoriques (UISPP), o que deverá se repetir na próxima reunião, a ocorrer em Santa Catarina, Brasil.



Figura 4. Pintura rupestre do Abrigo Xique Xique, Rio Grande do Norte. Adaptado de Hetzel *et al.* (2007).

reflete apurada sofisticação estética. Estes livros de capa dura e as exposições organizadas por arqueólogos podem ser tomados como excelentes instrumentos para preservação do patrimônio arqueológico brasileiro, pois fornecem a dimensão espetacular que caracteriza os grafismos¹⁶.

A palavra 'monumental' é relativa a monumento, que, no contexto brasileiro, é tomado como construção de pedra¹⁷, tais quais as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, que sempre enfeitiçaram os interessados pelo passado. De pedra e cal não há nada no passado pré-colonial do Brasil, embora existam construções

no terreno, movimentação de materiais com vistas a construir uma paisagem adequada aos grupos sociais que aqui habitaram. Mais uma vez, os sambaquis são bons exemplos, pois são construções feitas para criar marcos paisagísticos repletos de significado para os pescadores-coletores, como também o são os geoglifos¹⁸ do Acre (Schaan *et al.*, 2008), as amplas e longas estradas que ligam aldeias xinguanas (Heckenberger *et al.*, 2008) ou os aterros das terras baixas brasileiras, como os do baixo Amazonas (Roosevelt, 1991; Schaan, 2004) e os do Pantanal matogrossense (Schmitz *et al.*, 1998).

¹⁶ Nessa mesma linha, destaco também o livro "Pré-história do Brasil", sob minha coordenação científica, que reúne belas imagens de fotografos que voltaram suas lentes para a arte rupestre (Hetzel *et al.*, 2007).

¹⁷ Para uma reflexão sobre o tema, ver Lima (2001).

¹⁸ Geoglifos são vestígios arqueológicos representados por desenhos geométricos (linhas, quadrados, círculos, octógonos, hexágonos etc.) de grandes dimensões e elaborados sobre o solo.

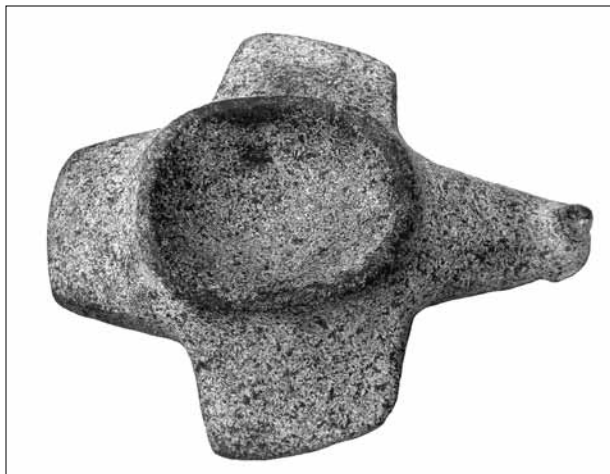


Figura 5. Escultura de pedra, mais conhecida como zoólito, encontrada em sambaqui de Santa Catarina. Foto: Sílvia Peixoto.

Com esse breve balanço, quis lançar um novo olhar para o patrimônio arqueológico brasileiro, que é diversificado, grande, bonito, magnífico, ímpar e excepcional. Se assim o é, o que falta para retirarmos o sinal negativo que precede o patrimônio pré-colonial do Brasil? Quando vamos parar de ouvir a pergunta que se segue logo após informarmos sobre a nossa profissão: “você trabalha no Egito?”, ou “aqui também tem pirâmides?”. Para pensarmos sobre esse tema, vamos até a Grécia e sigamos adiante. Vamos até a Acrópole, que ninguém duvida que seja um monumento e nada há a discutir sobre isso. Sigamos até o Museu da Acrópole, o novo, o de Bernard Tschumi, aberto em 2010. Trata-se de um prédio extremamente agradável, com iluminação natural, projetado para permitir, em todos os seus andares, contato visual com o Parthenon. O investimento não se restringiu à construção do prédio, mas envolveu escavações arqueológicas para firmar fundações e integrar novos achados no projeto arquitetônico e na elaboração de cópias de esculturas que estão no British Museum. A arquitetura do museu fala por si só, e o alto índice de visitação fala

sobre sua aceitação. É fascinante que esse número seja alardeado com orgulho por moradores de Atenas.

No Brasil, há iniciativas feitas por arqueólogos e propostas que surgem da própria sociedade. Os arqueólogos do Museu Nacional, a casa mais antiga voltada para o estudo do passado, estiveram envolvidos em duas iniciativas ilustrativas. Lina Kneip, em ação conjunta com moradores e com a prefeitura de Ssquarema, enfrentou a especulação imobiliária que caracteriza a faixa costeira do país e criou, em 1997, a praça do Sambaqui da Beirada¹⁹. Angela Buarque, em decorrência de seu trabalho com professores e alunos da rede de ensino de Araruama, foi surpreendida ao ver motivos da cerâmica Tupinambá decorando o carnê do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) da cidade. Restrinjo-me ao estado do Rio de Janeiro, pois, no momento, fornece, em decorrência de escolhas das autoridades, um bom espaço para reflexão. No entanto, não poderia ir adiante sem mencionar, mais uma vez, o Parque Nacional da Serra da Capivara, concebido por Niède Guidon e declarado Patrimônio Mundial pela UNESCO, em 1991 (Guidon, 2004), além de outras importantes iniciativas que existem no Brasil.

Não há dimensão comparativa entre ações realizadas no estado do Rio de Janeiro e as feitas pelos gregos, porém, investimento semelhante ao Museu da Acrópole está sendo feito na construção do Museu do Amanhã, um belíssimo projeto de Santiago Calatrava, resultado de uma parceria da prefeitura do Rio de Janeiro com a Fundação Roberto Marinho, que será construído na região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Hugo Barreto, secretário-geral da Fundação, o olhar está voltado para o futuro, pretende ser voltado para o novo, tanto no que se refere à arquitetura como ao conteúdo, já que se dedica à ciência e tecnologia. Embora pretenda contar a trajetória do homem, visa oferecer reflexão sobre a ideia do amanhã

¹⁹ Iniciativa semelhante, capitaneada pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), resultou na criação do Museu do Sambaqui da Tarioba, em Rio das Ostras, Rio de Janeiro.

e colocar em foco nossas escolhas e possibilidades. Não tenho posição contrária a esta construção e acho mesmo interessante que as autoridades tenham escolhido um museu como 'âncora' para a revitalização da área do porto do Rio considerada degradada, mas não posso deixar de pensar que essa escolha coloca em segundo plano um olhar para o passado e se dá em detrimento de museus que já existem. Na esteira dessa política, ficam em segundo plano instituições que guardam, e muitas vezes são elas mesmas, testemunho da história do Brasil, como é o caso do Museu Nacional, situado no mesmo estado do Rio de Janeiro.

Esquece-se o passado e privilegia-se o que está por vir. Em tempos de globalização, tudo parece ser novo, igual e pouco diferenciado. É ímpar apenas por pouco tempo, até que as cópias invadam os mercados, sejam elas legais ou ilegais.

No século XXI, tenho a impressão de que a singularidade é pertinente ao passado, ao período que antecede a popularização das viagens de avião e a revolução causada pela internet. Como chamou a atenção Suzanne Fish, ainda no final do século passado, em um dos nossos trabalhos de campo em Santa Catarina, colocando lado a lado duas adolescentes que circulam pelas ruas: é difícil saber quem é de Tucson, no Arizona, ou quem é de Florianópolis. Informações e objetos circulam em uma velocidade estonteante e, dessa maneira, tudo fica muito parecido. Penso que, na atualidade, o passado se sobressai em decorrência de sua singularidade. A espécie humana originária do continente africano colonizou todo o planeta, em cada continente, e ao longo da história encontrou condições diferentes e construiu soluções específicas e adequadas aos modos de vida que se estabeleceram em cada região. Pelo fato de conterem informações sobre a ampla capacidade da humanidade de articular características ambientais e sociais, os sítios arqueológicos

são testemunhos de formações sociais que existiram e, por isso mesmo, são únicos e originais.

Se por uma questão de identificação com o que é moderno não se deseja investir na apresentação dos testemunhos arqueológicos brasileiros, banhando-os com alta tecnologia, quer seja por meio da construção de prédios ousados ou na adequação de museus já existentes, tracemos outra estratégia e cuidemos do que ainda temos. Perdemos recentemente, em decorrência de um incêndio, a coleção científica do Instituto Butantã. Segundo Izabelle Teixeira, ministra de Estado do Meio Ambiente, um acervo de mais de 535 mil amostras de fauna brasileira: o maior acervo brasileiro e um dos maiores do mundo de animais peçonhentos (serpentes, aranhas, escorpiões) e outros animais²⁰.

A carta da ministra coloca, ainda, questões pertinentes: "Quantas outras coleções científicas brasileiras estão vulneráveis a acidentes como esse? Quantos outros 'Butantans' o país perderá antes de acordar para a realidade de abandono e vulnerabilidade das coleções que abrigam a memória científica da biodiversidade brasileira?"²¹. É preciso que sejam elaboradas diretrizes para a conservação das coleções científicas e implementadas medidas que atendam às especificidades de nossos acervos.

No que se refere ao patrimônio arqueológico, especialmente à preservação de sítios arqueológicos, gravemente atingidos pelas obras relacionadas com o ciclo de desenvolvimento em que se encontra o Brasil, é necessário que sejam traçadas estratégias com vistas a assegurar a preservação e a produção de conhecimento sobre o passado. Cada sítio arqueológico é único, guarda informações preciosas sobre o modo de vida de nossos antepassados. Importantes inovações tecnológicas estão ali registradas, além da própria saga de colonizar um novo continente, com todos os riscos dessa empreitada, todas as inovações relacionadas com a domesticação e produção de alimentos, para mencionar apenas alguns aspectos.

²⁰ Mais contundente ainda é a carta de Érico Vital Brazil, presidente da Casa de Vital Brazil, sobre o incêndio, publicada em 18 de maio de 2010 no jornal "O Globo".

²¹ Carta de Izabelle Teixeira, ministra do Meio Ambiente. Fonte: O Estado de São Paulo, 18 de maio de 2010, estadão.com.br/ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Volto à articulação entre os três já mencionados domínios – legalidade, tradição e ciência. Destaco que, para assegurar a preservação dos sítios arqueológicos, além da legislação existente, faz-se necessário intensificar a divulgação científica e, sobretudo, divulgar as informações obtidas por meio da pesquisa arqueológica para a sociedade nacional. É necessário produzir versões dos resultados científicos para vários segmentos sociais: diferentes classes de idades, graus de instrução e experiência social. É preciso que o conhecimento produzido pela Arqueologia invada e seja incorporado pela sociedade abrangente. É preciso que o fato de se conhecer o passado anterior à invasão europeia torne-se um hábito, um costume, e que, dessa forma, transforme-se em um saber tradicional, como tantos outros existentes em nossa sociedade.

A partir dessa perspectiva, aumenta a responsabilidade dos arqueólogos, que terão o desafio de apresentar e diferenciar, de maneira transparente, o que são interpretações consensuais para a Arqueologia brasileira e suas próprias hipóteses de pesquisa, a ser confirmadas ou refutadas por eles mesmos ou por seus colegas. Trata-se de uma tomada de posição de toda a comunidade científica, com o objetivo conjunto de valorizar o conhecimento já consolidado e enfatizar uma ciência em constante formação, sendo necessário destacar que novas interpretações estão sempre sendo produzidas. A aplicação de novas tecnologias resulta em informações inovadoras e extremamente importantes para o entendimento do modo de vida de sociedades extintas. Por outro lado, faz-se necessário desenvolver estratégias de pesquisa mais refinadas, voltadas para o estudo de sítios de baixa visibilidade arqueológica, principalmente em prospecções arqueológicas, sobretudo quando os diagnósticos resultantes do

trabalho de campo estão relacionados com a liberação de áreas para modernas construções.

Elaborar uma agenda voltada para o estudo de sítios com baixa visibilidade, quer sejam locais de moradia dos sambaquieiros ou taperas de quilombolas, é o passo necessário para que a disciplina construa interpretações que incluam a diversidade de assentamentos associados às diferentes formações sociais.

Por outro lado, e no que se refere à sociedade brasileira, a ideia é usar todo o potencial da cultura material para transformar sentimentos em relação ao patrimônio arqueológico. São bem vindos belos livros e exposições sofisticadas, como também se apropriar do interesse que envolve a profissão de arqueólogo para associar valor positivo aos testemunhos do passado. Faz-se necessário preparar professores do ensino básico e assegurar a produção de material de ensino atualizado e de boa qualidade²². Dessa forma, será aberta a caixa do passado e serão criadas condições para que o olhar voltado para o futuro, característico de nossa sociedade, seja banhado pela trajetória percorrida por nossos antepassados – colonizadores do continente sul-americano, criadores da belíssima arte rupestre, escultores, inventores da cerâmica amazônica e tudo mais de particular e específico do patrimônio arqueológico existente em nosso território.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Um quebra cabeça (quase) resolvido: os engenhos da capitania do Rio de Janeiro, séculos XVI e XVII. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 10, n. 218, 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-32.htm>>. Acesso em: 18 maio 2010.

ANCHIETA, José de. **Informação do Brasil e suas Capitânias [1584]**. São Paulo: Obelisco, 1964.

ASSUNÇÃO, Danilo. **Sambaquis da Paleolaguna de Santa Marta: em busca do contexto regional no litoral sul de Santa Catarina**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

²² Destaco que, desde o início da década de 1990, arqueólogos buscam estratégias para que sejam incorporados os resultados das pesquisas na rede de ensino básico. Um bom exemplo é o “Seminário de Implantação da Temática da Pré-História no Ensino de 1º, 2º e 3º graus”, organizado por Maria Cristina Tenório e Tereza Franco, no ano de 1994.

- BAHN, Paul. G. Rock Art. In: FAGAN, B. M. (Org.). **The Oxford Companion to Archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 593-594.
- BARBOSA, Márcia; GASPAR, Maria Dulce. **Bibliografia brasileira sobre pescadores, coletores e caçadores pré-históricos litorâneos e ribeirinhos**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1998. (Publicações Avulsas do Museu Nacional, n. 72).
- DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEBLASIS, Paulo; KNEIP, Andreas; SCHEEL-YBERT, Rita; GIANNINI, Paulo César; GASPAR, Maria Dulce. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana**, v. 3, n. 1, p. 28-61, 2007.
- DIAS, Ondemar. **Itaboraí – Pesquisas arqueológicas do Projeto SAGAS e seu contexto histórico**. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, 2003. (Série Monografias, n. 3).
- DORTA, Sonia Ferraro; CURY, Marília Xavier. **A plumária indígena brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. São Paulo: Edusp e Imprensa Oficial, 2001.
- DUARTE, Paulo. **O Sambaqui visto através de alguns Sambaquis**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira, 1963.
- FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yone. **Origens da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. (Coleção Ciências Sociais, 41).
- FISH, Suzanne; DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulce Gaspar; FISH, Paul. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 10, p. 69-87, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Arqueologia, cultura material e patrimônio. Sambaquis e cachimbos. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). **Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST/CNPq, 2009. p. 39-52.
- GASPAR, Maria Dulce. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 14, p. 153-168, 2004.
- GASPAR, Maria Dulce. História da construção da Arqueologia Histórica brasileira. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 13, p. 269-301, 2003.
- GASPAR, Maria Dulce. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. **Antiquity**, v. 72, p. 592-615, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos**. Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil escravista (séculos XVII-XIX). São Paulo: Editora Polis/UNESP, 2005.
- GUIDON, Niède. Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela (Orgs.). **Antes – Histórias da Pré-história**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004. p. 132-141.
- HECKENBERGER, Michael; RUSSELL, Christian; FAUSTO, Carlos; TONEY, Joshua; SCHMIDT, Morgan; PEREIRA, Edithe; FRANCHETTO, Bruna; KUIKURO, Afukaka. Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes, and the Future of the Amazon. **Science**, v. 321, n. 5893, p. 1214-1217, 2008.
- HETZEL, Bia; NEGREIROS, Sílvia; GASPAR, Maria Dulce. **Pré-História do Brasil**. Rio de Janeiro: Manati Produções Editoriais, 2007.
- HODDER, Ian. Interpreting material culture. In: HODDER, Ian (Ed.). **The Archaeological Process**. Oxford: Blackwell Publishers Ltda., 1999. p. 66-78.
- HODDER, Ian. Theoretical archaeology: a reactionary view. In: HODDER, Ian (Ed.). **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 1-16.
- JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. **Brasil rupestre**. Arte pré-histórica brasileira. Curitiba: Zencrane Livros, 2006.
- LACERDA, João Baptista de. O Homem dos Sambaquis (Contribuição para a Antropologia Brasileira). **Arquivos do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 177-178, 1885.
- LIMA, Tania Andrade. A proteção do patrimônio arqueológico no Brasil: omissões, conflitos, resistências. **Revista de Arqueologia Americana**, México, v. 20, p. 53-79, 2001.
- MADRE DE DEUS, Gaspar da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada São Paulo, e notícias dos annos em que se descobriu o Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1953.
- MEGGERS, Betty. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. Premissas para a formulação de políticas em Arqueologia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33, p. 37-58, 2007.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p.103-117, 1983.
- PEIXOTO, Sílvia Alves. **Pequenos aos montes: uma análise dos processos de formação dos sambaquis de pequeno porte do litoral sul de Santa Catarina**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, Edithe. **Arte Rupestre na Amazônia – Pará**. São Paulo: UNESP; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2003.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-História**. Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela (Orgs.). **Antes – Histórias da Pré-história**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

PROUS, André. Os objetos zoomorfos do litoral sul do Brasil e do Uruguai. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 57-102, 1972.

ROOSEVELT, Anna. **Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil**. San Diego: Academic Press, 1991.

SCHAAN, Denise Pahl. **The Camutins Chiefdom: rise and development of social complexity on Marajo Island, Brazilian Amazon**. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2004.

SCHAAN, Denise Pahl; RANZI, Alceu; PÄRSSINEN, Martti (Orgs.). **Arqueologia da Amazônia Ocidental: os geoglifos do Acre**. Belém: EDUFPA, 2008.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; ROSA, A. O.; BEBER, M. V. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Pesquisas, Antropologia**, n. 54, p. 1-271, 1998.

SLENES, Robert. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SYMANSKI, Luiz Carlos; SOUZA, Marcos André Torres de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questão de visibilidade e preservação. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 33, p. 215-242, 2007.

